

CONTOS DE MONTEIRO LOBATO

*SHORT STORIES BY
MONTEIRO LOBATO*



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS

Reitor / *Rector*
PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade
General Coordinator of the University
FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial / *Editorial Board*

Presidente / *President*
EDWIGES MARIA MORATO

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN
FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI – JOSÉ DARI KREIN
MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

CONTOS DE MONTEIRO LOBATO

*SHORT STORIES BY
MONTEIRO LOBATO*

PORTUGUÊS / INGLÊS
PORTUGUESE / ENGLISH

INTRODUÇÃO / *INTRODUCTION*
MARISA LAJOLO

E D I T O R A
U N I C A M P

L781c Lobato, Monteiro, 1882-1948.
Contos de Monteiro Lobato = *Short stories by Monteiro Lobato* / Monteiro Lobato ; introdução: Marisa Lajolo ; tradutor: Ian Reade. – 2.ed. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2026.

Edição bilíngue: português e inglês.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 2. Literatura brasileira. 3. Contos brasileiros. 4. Ficção brasileira. 5. Século XX. I. Lajolo, Marisa, 1944-. II. Reade, Ian. III. Título.

CDD - B869.934
- B869.9
- B869.35

ISBN 978-85-268-1938-2

Copyright © Introdução / *Introduction* by Marisa Lajolo

Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

1ª edição, 2020 / *1st edition, 2020*

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

The opinions, hypotheses, conclusions, and recommendations expressed in this work are the sole responsibility of the authors and do not necessarily reflect the views of Unicamp Press.

Direitos reservados e protegidos pela Lei Brasileira nº 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

All rights reserved and protected under the Brazilian Law no. 9.610 of February 19th, 1998. Total or partial reproduction is prohibited without written authorization from the copyright holders.

Depósito legal na Biblioteca Nacional.

A catalogue record for this book is available from the National Library (Brazil).

Todos os direitos reservados / *All rights reserved*

Editora da Unicamp / *Unicamp Press*

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



SUMÁRIO

CONTENTS

Introdução / <i>Introduction</i> – Marisa Lajolo	
Um autor famoso e polêmico	8
<i>A famous and polemical author</i>	9
 O comprador de fazendas	30
<i>The farm buyer</i>	31
 O jardineiro Timóteo	64
<i>Timóteo the gardener</i>	65
 O plágio	86
<i>Plagiarism</i>	87
 Marabá	108
<i>Marabá</i>	109

INTRODUÇÃO

UM AUTOR FAMOSO E POLÊMICO

Marisa Lajolo

O autor dos contos que compõem este livro é um grande escritor brasileiro: seu nome é Monteiro Lobato. Na verdade, José Bento Monteiro Lobato, embora tenha sido registrado e batizado como *José Renato*. Mas embirrou com o “Renato”: precisava das iniciais JB para poder herdar (e usar) uma bengala do pai que ele achava linda. E tanto fez que mudou de nome, o que já dá uma boa ideia de como era teimoso.

Desde criança!

Lobato nasceu em 18 de abril de 1882, em Taubaté, cidade do interior de São Paulo, no vale do rio Paraíba. Era filho e neto de fazendeiros. O cultivo do café tinha enriquecido a região, mas desde o final do século XIX – época do nascimento de Lobato –, a região já dava sinais de decadência. Terras esgotadas pela agricultura mal planejada e predatória. Muitos de seus textos movem-se por esse ambiente que ele registra no título de um livro de contos: *Cidades mortas*.

Sua vida foi muito movimentada, cheia de reviravoltas, até sua morte, em 4 de julho de 1948.

Ele queria ser pintor, mas o avô não deixou que ele cursasse Belas Artes. Quis que ele estudasse Direito e o neto obedeceu, embora tenha se dedicado pouquíssimo – quase nada – à advocacia. Foi fazendeiro, fundou

INTRODUCTION

A FAMOUS AND POLEMICAL AUTHOR

Marisa Lajolo

The author of the stories that make up this book is a great Brazilian writer: his name is Monteiro Lobato. In truth José Bento Monteiro Lobato, was registered and baptised as *José Renato*. But he took a strong dislike to “Renato” and needed the initials JB in order to inherit (and use) a walking stick belonging to his father which he thought was beautiful. The extent of this desire was that it made him change his name, which provides us with an idea of how stubborn he was.

From childhood!

Lobato was born on the 18th April 1882, in Taubaté, a city in the interior of São Paulo, in the valley of the Paraíba river. He was the son and grandson of farmers. The cultivation of coffee had enriched the region, but since the end of the 19th century – the time of Lobato’s birth –, the region had already begun to show signs of decay. Lands which had been depleted by badly-planned and predatory agriculture. Many of his texts move through this environment which features in the title of one of his books of stories: *Dead cities*.

His life was very turbulent, full of upheavals, up until his death, on July 4th, 1948.

He wanted to be a painter, but his grandfather would not allow him to study Fine Arts. He wanted him to study Law and his grandson obeyed, although he dedicated very little of his energies – almost nothing

editoras e publicou vários autores jovens, trabalhou por algum tempo no Consulado Brasileiro em Nova York e, de volta ao Brasil, participou de companhias voltadas para a exploração de petróleo e ferro, além de ter traduzido dezenas de livros.

Enfim, a vida dele não foi nada monótona!

E, ao longo de seus 66 anos, escreveu e publicou os muitos livros que são o legado maior que deixou para a cultura brasileira.

Monteiro Lobato escreveu livros para crianças e livros para adultos, publicados entre 1918 e 1947. E tanto suas obras infantis quanto as para adultos tiveram sucesso imediato de público, alcançando tiragens até hoje impressionantes. Talvez ele tenha sido dos poucos escritores brasileiros que conseguiu viver do que ganhava com seus livros. Algumas vezes referia-se à sua obra em termos financeiros, atitude até hoje raríssima no mundo das letras.

Em março de 1946, por exemplo, comentou com Godofredo Rangel, seu antigo colega de faculdade: “Cada livro considero uma vaca holandesa que me dá o leite de subsistência. O meu estábulo no Brasil conta com 23 cabeças no Otales, mais 12 na Brasiliense e mais as 30 *Obras completas*. Total: 65 vacas de 40 litros”.¹

Em maio do mesmo ano ele retornou à questão, escrevendo a outro amigo, Jayme Adour: “Estou [...] com 66 edições aqui e 37 na Argentina (ou mundo de língua espanhola), tudo isso *dando renda*. Aqui é que está o busílis”.²

É sua literatura infantil que marca seu espaço maior na cultura brasileira. Suas obras para crianças – mais de 20 títulos, sempre com as mesmas personagens – são

in fact – to advocacy. He was a farmer, he founded publishing houses and published various young authors, worked for a time in the Brazilian Consulate in New York and, on his return to Brazil, joined companies dedicated to the exploration of petroleum and iron, as well as translating dozens of books.

In summary, his life was not at all monotonous!

And, throughout the length of his 66 years, he wrote and published the many books which are the largest legacy he left to Brazilian culture.

Monteiro Lobato wrote books for children and books for adults, publishing them between 1918 and 1947. And his children's works were as immediately successful as his adult works in the eyes of the public, reaching sales figures which are still impressive today. He is perhaps one of the few Brazilian authors able to live on the income generated from his books. Sometimes he referred to his works in financial terms, a very rare attitude in the world of letters.

In March 1946, for example, he told Godofredo Rangel, his old University colleague: "I regard each book like a Dutch dairy cow which gives me the milk I need to live on. My milking shed in Brazil contains 23 cows in Otales, 12 more in the Brasiliense and in addition, the 30 Complete Works. Total: 65 cows producing 40 litres each."¹

In May of the same year, he returned to the question when writing to another friend, Jayme Adour: "I have [...] 66 editions here and 37 in Argentina (or the Spanish speaking world), all of this is *providing an income*. This is what is at the heart of the matter."²

It is his literature for young people which defines his largest contribution to Brazilian culture. His children's books – more than 20 titles, always featuring

consideradas pioneiras na modernização da literatura infantil brasileira. Até hoje são muito lidas e reeditadas, tendo, inclusive, inspirado várias séries televisivas e histórias em quadrinhos.

Suas obras para adultos incluem contos, um romance, ensaios, prefácios e centenas de cartas. A maioria, sobretudo as antologias de contos, é composta por textos anteriormente publicados em jornais e revistas. Desde o século XIX, republicar em livro textos que circularam em revistas e jornais era prática corrente na literatura brasileira.

A reescritura tinha grandes vantagens: permitia que o autor, a partir da recepção dos primeiros leitores, reescrevesse o texto quando julgasse necessário. Monteiro Lobato valeu-se muito desse recurso. Mexia e remexia em seus textos, até mesmo nos já publicados em livro. De uma edição para outra, suas histórias eram incansavelmente reformuladas.

Ele comentou esse procedimento a propósito de seus livros infantis, mas valeu-se dele também para sua obra adulta:

Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura de meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as “literaturas” que ainda as estragam. Assim fiz no Hércules, e na segunda edição deixá-lo-ei ainda menos literário do que está. Depois da primeira edição é que faço a caçada das pulgas – e quantas encontro, meu Deus!³

Briguento e polêmico, Monteiro Lobato estava sempre pronto a aferrar-se a uma ideia, defendê-la com unhas e dentes e propagá-la por todos os meios possíveis. Mas também não hesitava em mudar de opinião quando se

the same characters – are considered pioneers in the modernisation of Brazilian literature for young people. They are still well-read and re-edited today, and have inspired various television series and comic books.

His work for adults includes short stories, a novel, essays, prefaces and hundreds of letters. The majority of these, especially the anthologies of stories, is composed of texts previously published in newspapers and magazines. From the 19th century onward, it was common practice in Brazilian literature to republish in book form, texts which had already appeared in the press

Rewriting had great advantages: it permitted the author, based on the reception by his first readers, to rewrite the text when he judged it necessary. Monteiro Lobato held this option in high regard. He continually worked on and re-worked his texts, even those already in print. From one edition to the next, his stories were tirelessly reformulated.

He commented on this process in terms of his literature for young people, but also valued it regarding his adults works:

You cannot imagine my battle to remove literature from my children's books. With each new revision in the new editions, I kill, like someone who kills fleas, all the "literatures" which still afflict them. I did this with *Hércules*, and in the second edition I will leave it much less literary than it is. It is after the first edition that I go on the flea hunt – and the number of them I find, my God!³

Belligerent and polemical, Monteiro Lobato was always ready to stick with an idea, to defend it tooth-and-nail and develop it by all means necessary. But he also did not hesitate to change his opinion when he

convencia de que sua posição anterior era errada, tendo sido tomada a partir de fundamentos equivocados.

Foi assim, por exemplo, nas posições que assumiu em relação ao trabalhador rural brasileiro.

Em sua experiência de fazendeiro, ele se indignava com a prática caipira de incendiar o mato para abrir espaço para a plantação. Esse era, efetivamente, um procedimento bastante corrente no Brasil daquele tempo. Monteiro Lobato, num primeiro momento, atribuiu o costume à preguiça do caipira.

Em 1914, ele escreveu uma carta para um grande jornal paulista (*O Estado de S. Paulo*) acusando o trabalhador rural de ser preguiçoso. A carta foi transformada em artigo com o título “Uma velha praga”. O texto era violento e implacável. Destilava raiva e era salpicado de ironia.

Pouco tempo depois, redigiu outro artigo – intitulado “Urupês” – que, de novo, desqualificava o caipira e sua cultura. Foi nesse texto que ele chamou o caipira de Jeca. Essas posições assumidas por Monteiro Lobato eram polêmicas, mas muitos leitores as elogiaram e ele começou a ficar conhecido.

Dez anos depois, no entanto, não mais fazendeiro, Monteiro Lobato ligou-se a movimentos de saúde pública, e seu modo de pensar mudou.

Ele retomou o assunto do caipira e voltou atrás nas críticas ao trabalhador rural de seus artigos da década anterior no jornal *O Estado de S. Paulo*. Mudou de opinião e se penitenciou pela posição anteriormente assumida. Ele então acreditava que o trabalhador rural – o Jeca – não era preguiçoso, mas sim doente e desinformado. A personagem, inclusive, muda de nome: de *Jeca Tatu* transforma-se em *Jeca Tatuzinho*,

was convinced his previous position was wrong, having taken up a position on a mistaken basis.

It was thus, for example, on the positions he took in relation to the rural Brazilian worker.

In his experience as a farmer, he was offended by the rural practice of burning the grass to open up land for planting. This was, effectively, a widely practiced procedure in Brazil at the time. Monteiro Lobato, at first, attributed this custom to the laziness of the agricultural workers.

In 1914, he wrote a letter to a big São Paulo newspaper (*O Estado de S. Paulo*) accusing the rural worker of laziness. The letter was transformed into an article entitled “An Old Plague”. The text was violent and implacable. It was full of distilled anger and peppered with irony.

A short while later, he wrote another article – entitled “Dead beats” – which, again, denigrated rural workers and their culture. It was in this text that he named the male rustic Redneck. These positions assumed by Monteiro Lobato were polemical, but many readers praised them and he started to become well-known.

Ten years afterwards, however, no longer a farmer, Monteiro Lobato became linked to public health movements, and his mode of thinking changed.

He took up the matter of the rural worker again and retreated on his critique of them in the articles that he had written a decade before in the newspaper *O Estado de S. Paulo*. He changed his opinion and repented the position he had previously taken. He now believed that the rural worker – the Redneck – was not lazy, but instead ill and uninformed. He also changed the character's name: Red Neck Armadillo became Redneck Little Armadillo, a name which exploits the

nome que explora o fato de que, em português, o diminutivo conota afeto e carinho.

Nessa nova versão, o caipira é completamente inocentado de práticas agrícolas prejudiciais à terra. Agora era a ignorância relativa a cuidados com a higiene que causava uma doença chamada ancilostomíase, verminose que deixava o trabalhador rural incapacitado para as atividades físicas necessárias à lavoura.

Ou seja, Monteiro Lobato voltou mesmo atrás!

Não foi, no entanto, essa a última vez que ele escreveu sobre o caipira. Nem foi essa sua última opinião...

Passados mais alguns anos, na década de 1940, tendo se aproximado do Partido Comunista, mais uma vez Lobato mudou de ponto de vista. Em sua nova perspectiva, o Jeca – rebatizado de Zé Brasil – não era preguiçoso nem doente, mas sim vítima de um sistema agrário que dava todos os direitos aos fazendeiros e nenhum ao trabalhador do campo. Não ser proprietário da terra impedia maior empenho no trabalho rural.

O tema é extremamente contemporâneo se pensarmos em movimentos que, desde meados do século passado, ocupam a mídia: invasão de terras e manifestação política de organizações de trabalhadores rurais. Em 1947, Lobato pôs na boca do trabalhador rural – o antigo Jeca, agora Zé Brasil – uma análise que ainda é atual:

Se eu tivesse um sítio, fazia uma casa boa, plantava árvores de fruta, e uma horta, e até um jardimzinho [...], mas como fazer casa boa, e plantar árvores e ter horta em terra dos outros [...]? Vi isso com o coronel Tatuíra. Só

fact that, in Portuguese, the diminutive form connotes affection and love.

In this new version, the rural worker is completely innocent of the agricultural practices which prejudice the planet. It was now the relative ignorance of hygiene precautions that caused a sickness called *ancylostomiasis*, or hookworm, which left the rural worker incapable of the physical activities necessary to cultivation.

Thus, Monteiro Lobato retreated!

This was not however, the last time that he wrote about the agricultural worker. It was not even his last opinion on the matter...

A few years later, in the 1940s, as he was becoming closer to the Communist Party, Lobato once again changed his opinion. From this new perspective, the Redneck – renamed as *Zé Brazil* – was no longer lazy or sick, but rather a victim of the agricultural system which gave the farmers all the rights and none to the field hands. A lack of ownership was now what impeded greater endeavour in agricultural work.

This theme is extremely contemporary if we think of movements which, since the middle of the last century, have occupied the media: land squatting and political demonstrations by organisations of rural workers. In 1947, Lobato articulated in the words of a rural worker – the old Redneck, now *Zé Brazil* – an analysis which is still current:

If I had a smallholding, I would have done something really nice, I would have planted fruit trees, an orchard, or even a little garden [...], but how could I build a nice house, and plant trees and have an orchard on land which belonged to others [...]? Colonel Tatuíra was like that. It

porque naquele ano as minhas roças estavam uma beleza ele não resistiu à ambição e me tocou.⁴

Ou seja, da fala de Zé Brasil às Ligas camponesas dos anos 1960 e ao Movimento dos Sem-Terra de nosso século, as alterações na representação do caboclo na obra lobatiana parecem ter sido proféticas.

No que Monteiro Lobato nunca voltou atrás foi em sua implacável pintura das cidades decadentes que o café deixou para trás quando abandonou o Vale do Paraíba e fixou-se no Oeste paulista. O realismo desalentado de paisagens degradadas custou-lhe ser malvisto em sua cidade natal, que não queria perdoar o retrato que ele compôs da região, cujas fazendas e cidades considerou *mortas*:

Léguas a fio se sucedem de morraria áspera, onde reinam soberanos a saúva e seus aliados, o sapé e a samambaia. Por ela passou o Café, como um Átila. Toda a seiva foi bebida e, sob a forma de grão, ensacada e mandada para fora. Mas do ouro que veio em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o Oeste, na avidez de novos assaltos à virgindade da terra nova; [...].

– Aqui foi o Breves. Colhia oitenta mil arrobas!...

A gente olha assombrada na direção que o dedo cicerone aponta. Nada mais!... A mesma morraria nua, a mesma saúva, o mesmo sapé de sempre. De banda a banda, o deserto – o tremendo deserto que o Átila Café criou.⁵

E é de sua obra para adultos – livros de contos – que vêm as histórias reunidas nesta antologia. São quatro narrativas que representam bem o universo

was only because that year my fields were so impressive that year that he gave into my ambition and sent me away.⁴

Thus, from the words spoken by Zé Brazil to the Rural Leagues in the 1960s and the Landless Movement in our century, the changes in the representation of the field hand in Lobato's works seem to have been prophetic.

One thing Monteiro Lobato never retreated from was his implacable portrayal of cities which became decadent when coffee left them behind, as it abandoned the Paraíba Valley and installed itself in the West of São Paulo State instead. The apathetic realism of the degraded landscapes caused him to be looked upon badly in the city of his birth, which could never pardon the portrait that he painted of the region, whose farms and cities he considered *dead*:

Steep hills stretch for many leagues, where large ants, alongside their allies, coarse grass and ferns, reign supreme. Coffee passed over them, like an Attila. All the sap was consumed and, in the form of beans, put into sacks and sent abroad. But in terms of the gold that it was exchanged for, not one ounce remained there, in order to restore the hardened earth. It filtered out West, in the thirst for new assaults on virgin lands; [...].

– Breves came here. He harvested eighty thousand pounds!...

We look in fear in the direction that the pointing finger indicated. There was nothing left!...The same naked hills, the same large ants, the same coarse grass as before. One strip of land after another, a desert – a desert that the Coffee Attila had created.⁵

And it is from his adult work – his books of short stories – that the tales collected in this anthology are drawn. They are four narratives which clearly represent

em que se move a literatura lobatiana, bem como as características fundamentais de seu estilo.

As quatro histórias deste livro

Foram reunidos aqui os contos “O comprador de fazendas”, do livro *Urupês* (1918); “O plágio”, que integrava a obra *Cidades mortas* (1919); e ainda “Marabá” e “O jardineiro Timóteo”, ambos publicados originalmente em *Negrinha* (1920).

Vamos chegar mais perto de cada um deles.

“O comprador de fazendas” e “O jardineiro Timóteo” articulam-se intimamente ao universo rural paulista, que Lobato conhecia bem desde o nascimento, e cuja familiaridade aumentou muito com sua experiência de proprietário de uma fazenda. E a data de publicação dessas narrativas – arredores dos anos vinte do século passado – imerge-as na época em que fazendas de café do Vale do Paraíba tornaram-se um péssimo negócio.

Tanto no clima de comédia da primeira como no de tragédia da segunda, as histórias levam seus leitores para o dia a dia de brasileiros, moradores e proprietários de fazendas decadentes do interior paulista. A degradação dos cenários não impede que a voz que narra a história seja às vezes irônica, provocando sorrisos nos leitores. Mas a mesma paisagem pode ser responsável pelo eventual desenvolvimento de um sentimento de solidariedade, diante dos problemas vividos por proprietários e moradores das fazendas arruinadas.

Em “O comprador de fazendas”, os esforços do fazendeiro para maquiar os índices de pobreza do solo